

FRAGILIDADES E POTENCIALIDADES NO CUIDADO DE ENFERMAGEM EM ALEITAMENTO MATERNO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Julia Vendramini Antunes ¹
Laura Emanuelli Souza Paulino ²
Agatha Possato ³
Géssica Paula Battisti ⁴
Mayeli Thais Fernandes Vieira ⁵
Lediana Dalla Costa ⁶

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: julia.antunes@edu.unipar.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1025-9717>.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: laura.paulino@edu.unipar.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0724-0578>.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: agatha.possatto@edu.unipar.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7646-1678>.

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: gessica.battisti@edu.unipar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0054-971X>.

⁵ Enfermeira Residente em Urgência e Emergência. Hospital Regional do Oeste. E-mail: mayeli.vieira@edu.unipar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6238-4204>.

⁶ Enfermeira. Mestra em Saúde e Gestão do Trabalho. Docente e Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: lediana@prof.unipar.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9114-3669>.

RESUMO EXPANDIDO

Introdução: O Aleitamento Materno (AM) é considerado eficiente método de prevenção da morbimortalidade infantil e oferece diversos benefícios para saúde do binômio mãe-filho. É recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que o aleitamento materno seja oferecido, de maneira exclusiva, até os seis meses de vida da criança. Após esse período, sugere-se que, até os dois anos de idade ou mais, seja complementado. Embora haja muitos avanços nas últimas décadas, até o momento, os índices do Aleitamento Materno Exclusivo (AME), no Brasil, perduram abaixo das metas. Isto pode ser justificado pela falha no acompanhamento contínuo e periódico das crianças, assim como consultas de pré-natal de má qualidade. É indiscutível que a Atenção Primária à Saúde é fundamental na promoção, na proteção e no apoio ao AM, pois é a porta de entrada para o acesso à saúde, ao acompanhamento da puérpera e da criança, em que o AM deve ser apresentado e incentivado (Faria; Silva; Passberg, 2023). **Objetivo:** Identificar as fragilidades e potencialidades do cuidado de enfermagem no aleitamento materno, na Atenção Primária, a partir dos fatores associados à prática entre puérperas do Sudoeste do Paraná, Brasil. **Metodologia:** Pesquisa de campo, exploratória-descritiva, com abordagem quantitativa, desenvolvida em duas maternidades de

referência de risco habitual, intermediário e alto risco. Participaram da pesquisa 305 puérperas. Os dados foram coletados por questionário com variáveis sociodemográficas (idade, cor, escolaridade, renda familiar, estado civil, atividade remunerada), dados obstétricos e do pré-natal (histórico gestacional, planejamento gestacional, número de consultas, plano de parto, grupo de gestantes, via de parto, tipo de hospital, orientação sobre aleitamento no pré-natal, profissional que orientou), além dos conhecimentos específicos sobre o aleitamento materno intra-hospitalar (tipo de aleitamento ao nascer, se amamentou logo após o nascimento, se o primeiro contato foi doloroso, se estão/pretendem amamentar em livre demanda e se forneceu bico/chupeta). A pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPEH), da Universidade Paranaense (UNIPAR), conforme Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n.º 83174924.8.0000.0109. **Resultados e discussão:** A pesquisa contou com 305 puérperas, com média de idade de 27,8 anos, predominando mulheres brancas (62,3%), com escolaridade entre 9 e 12 anos (54,4%), em união estável (47,5%) e com atividade remunerada (61,6%). Em relação às condições obstétricas, a maioria era multigesta (64,6%), não havia planejado a gestação (57,4%), realizou mais de seis consultas de pré-natal (94,8%), mas não elaborou plano de parto (87,9%), nem participou de grupos de gestantes (76,7%). O parto cesáreo foi predominante (77,4%) e a maior parte ocorreu em hospitais públicos (71,5%). Quanto às orientações sobre aleitamento, 58,4% receberam aconselhamento durante o pré-natal, principalmente de enfermeiros (60,3%). Acerca do aleitamento materno, 49,5% relataram amamentar de forma exclusiva, 19% iniciaram na primeira hora de vida, 88,5% praticaram a livre demanda e 74,1% não ofereceram bicos artificiais. Dentre os principais achados, destacam-se fragilidades relacionadas à assistência em aleitamento materno. Apenas 58,4% das puérperas receberam orientação no pré-natal, sendo que a literatura mostra que apenas a orientação sobre a importância do AME por seis meses está associada à prevalência 30% maior de amamentação exclusiva (Alves; Oliveira; Rito, 2018). Outro ponto importante foi a baixa participação em grupos de gestantes (76,7%), considerados fundamentais, tendo em vista que ajudam as futuras mães a entender melhor todos os aspectos do ciclo da gravidez e do pós-parto. Além disso, estes encontros funcionam como espaço para repensar atitudes, refletir sobre condutas e fortalecer o vínculo com a equipe multidisciplinar. Eles promovem mudanças nos sentimentos relacionados ao cuidado com as gestantes e contribuem para formar profissionais mais capacitados, humanizados e atentos às necessidades de saúde da população. Logo, estes devem ser priorizados nos serviços de Atenção Primária à Saúde (Dias; Quirino, 2021). O estudo também apontou predomínio de cesáreas (77,4%) e baixa taxa de início precoce do aleitamento (19%), o que representa risco de desmame

precoce. Este achado converge com as orientações do Ministério da Saúde, que sugere, durante o acompanhamento do pré-natal, nos atendimentos individuais, que a enfermagem converse com a gestante sobre as vias de parto, estimulando o parto normal e fortalecendo o conhecimento da paciente sobre o tema, além de apresentar informações sobre a importância da amamentação precoce ainda na sala de parto e os impactos positivos dessa prática (Brasil, 2015). Ademais, a ausência de plano de parto na maioria das gestantes (87,9%) reforça a carência de autonomia feminina na escolha do cuidado, evidenciando fragilidade no empoderamento durante o pré-natal. Por outro lado, a pesquisa também revelou importantes potencialidades no cuidado de enfermagem. A alta taxa de consultas pré-natais (94,8% realizaram mais de seis) evidencia a adesão ao acompanhamento na APS, configurando oportunidade para fortalecer a educação em saúde. Outro aspecto positivo foi o protagonismo do enfermeiro nas orientações sobre aleitamento, representando 60,3% dos profissionais que prestaram aconselhamento. Dado que confirma pesquisas recentes, que reforçam que o enfermeiro é o profissional da Atenção Primária que mais realiza ações de promoção em saúde, em comparação a outros profissionais com nível superior (Cordeiro *et al.*, 2016). Quanto às práticas maternas, a pesquisa mostrou elevada adesão à livre demanda (88,5%) e baixa utilização de bicos artificiais (74,1%), aspectos reconhecidos como protetores do aleitamento. Estudos revelam que a abordagem de educação em saúde voltada ao aleitamento materno — coletiva ou individual e com diferentes recursos informativos — contribui para aquisição de conhecimento e adequada realização da amamentação (Lacerda; Oliveira, 2023). Por fim, o fato de a maioria das mães não relataram dor na primeira mamada (75,7%) sugere boa prática inicial, possivelmente associada às orientações recebidas. Isto demonstra que intervenções de enfermagem têm potencial para promover confiança e reduzir intercorrências como desmame precoce, fortalecendo a autoeficácia materna, o que é determinante para boa jornada na amamentação (Torres *et al.*, 2023).

Contribuições do trabalho em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: O referido estudo contribui para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas até 2030, visto que se vincula ao ODS 3 (saúde e bem-estar). O aleitamento materno se relaciona com os ODS, pois promove a prevenção de doenças maternas e infantis, diminui o índice de mortalidade infantil, reduz casos de desnutrição e contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança. Fatores como estes colaboram para redução das desigualdades sociais, considerando a disponibilidade do leite materno para crianças de diferentes classes sociais e para que este indivíduo progreda de maneira positiva na vida adulta. Diante do exposto, evidencia-se que a APS é a principal estratégia para atingir os ODS, pois visa promoção e prevenção na saúde, proporcionando atenção

integral. **Considerações finais:** O presente trabalho buscou identificar as fragilidades e potencialidades do cuidado de enfermagem em aleitamento materno na APS. Em síntese, os principais achados voltados às fragilidades foram: início tardio da amamentação, baixa prevalência de AME, ausência de plano de parto, pouca participação em grupos de gestantes e cobertura limitada de orientações no pré-natal. E, entre as principais potencialidades encontradas no estudo, destacam-se: protagonismo do enfermeiro nas orientações, adesão à livre demanda, baixo uso de bicos artificiais e boa experiência inicial sem dor. Diante disso, estes dados permitem compreender pontos críticos a serem fortalecidos e práticas positivas a serem mantidas, no âmbito da APS. Destaca-se que a pesquisa foi realizada em uma cidade do Sudoeste do Paraná, e os aspectos metodológicos influenciam diretamente nos achados da análise, o que limita a generalização do tema. Porém, algumas recomendações podem ser citadas em relação ao trabalho da enfermagem e ao aleitamento materno. Portanto, entende-se que ampliar ações educativas no pré-natal e estimular grupos de gestantes, fortalece a prática assistencial. Assim como investir em capacitação dos profissionais de enfermagem para manejo do AM é fundamental para melhor gestão. E, por fim, desenvolver novos estudos multicêntricos, qualitativos ou de intervenção sobre estratégias para promover e sustentar o AME é indispensável para o fortalecimento desta temática.

Descritores: Enfermagem obstétrica; Aleitamento materno; Período pós-parto; Assistência perinatal; Enfermagem materno-infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jessica de Souza; OLIVEIRA, Maria Inês Couto de; RITO, Rosane Valéria Viana Fonseca. Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1077-1088, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.10752016>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 184 p. (Cadernos de Atenção Básica; n. 23). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

CORDEIRO, Ericles Antônio de Caldas et al. Atuação dos profissionais da Estratégia de Saúde da Família referente à promoção do aleitamento materno exclusivo. **Revista Saúde - UNG-Ser**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 108, 2016. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2717>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DIAS, Joana; QUIRINO, Simone. Importância dos grupos de educação em saúde durante a gravidez. **Revista Portal Saúde e Sociedade**, [S.l.], v. 6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rpss.e02106025>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FARIA, Evelise Rigoni de; SILVA, Daniel Demétrio Faustino da; PASSBERG, Luísa Zadra. Fatores relacionados ao aleitamento materno exclusivo no contexto da Atenção Primária à Saúde. **CoDAS**, [S.l.], v. 35, n. 5, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20232021163pt>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LACERDA, Renata Vieira Cabral; DE OLIVEIRA, Márcia Farsura. Metodologias de educação em saúde voltada ao aleitamento materno: revisão integrativa. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S.l.], v. 16, n. 9, p. 14819-14831, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-058>. Acesso em: 30 ago. 2025.

TORRES, Iasmim de Lima et al. Autoeficácia na amamentação, sintomas de ansiedade e fatores associados. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 642–650, 2023. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/4787>. Acesso em: 30 ago. 2025.

Eixo: Formação e práticas de cuidado em saúde.

Financiamento: Não se aplica.

Agradecimentos: Agradecemos a Universidade Paranaense (UNIPAR), a professora e coordenadora do curso de enfermagem da instituição, Lediane Dalla Costa, pela oportunidade de participar do Projeto de Iniciação Científica da universidade, que nos permitiu construir esse resumo original. Agradecemos também a Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus de Chapecó-SC, pela realização do Congresso Internacional de Políticas Públicas de Saúde, que apoia e incentiva a ciência e o acesso à saúde para todos.